

A caçadora de Lembranças
Livro - 01

L.D LEARIO

Ficha catalográfica (opcional).

Caso deseje, a Câmara Brasileira do Livro faz este serviço, cobrando R\$ 25 para associados e R\$ 50 para não associados.

Para saber mais, visite a página:

<http://www.cbl.org.br/telas/servicos/sobreFicha.aspx>

Prólogo	11
Rígel	36
Everak	55
Sangue.....	77
Corra	103
Sentidos.....	127
Mudanças.....	145
Herdeira.....	169
Verdades	192
Embosque	214
Forasteiros	231
Surpresas.....	254
Rei.....	372
Resistência	291
Histórias	316
Resalvas.....	346

Casa.....	371
Cicatrizes	394
Aviso.....	415
Toque-me.....	432
Sensações	452
Diário.....	475
Ákyra	492
Neve	512
Presságio	530
Decisões.....	553
Planos.....	577
Gratidão.....	594
Epílogo.....	623



ELFRÁIN

LICÉIA

KIRIS

OCEANO ALMARE

OCEANO ELWE

ORON

VILYA

MAR RACIANO

LAUREA

NUMEN

MAR BESTIAL

OCEANO MATRIAL

ILHAS KROY

PROVÍNCIA DA MAGIA

GLINN

TALE

DORN

ADRYA

RIO IKASSIO

MIDRIA

ILHA UNIOR

ILUV

EDHEL

NORE

EAR

ISTAR

MAR HALOITE

LITH

NELDOR

TALATH

OCEANO EARYA

MAR AILÓ

ARAN

MALLORN



IARTH

VILYA

ETHER

ORON

LEHRERIN

MONTANHAS RURN

OFIN

LAGO NEGRO

DESERTOS NEBRIA

ADRYA

GOLFO DE CARTIN

FLORESTA DOS PINHAIS

MAR RACIANO

HUMIA

MIDRA

NUMEN

DORN

LINK

FILIT
LAUREA

RIO IKASSIO

BAJA YUTA

MINSTER

NORE

MAR BESTIAL

EDHEL

OCEANO MATRIAL

FLORESTA WERNY

CIRIUS

MERCADO EJIN

ILHAS KROY

PROVINCIA DA MAGIA

EAR

MONTANHAS ILIRIAS

ISTAR

Para todos aqueles que vieram até mim e falaram “você consegue”.



PRÓLOGO

1, 2, 3 respira.

Eu dei uma puxada de ar tão forte ao acordar que consegui sentir meus pulmões queimando e martelando dentro do meu corpo. Tossi com todas as minhas forças, mas tudo que saiu de mim foi água, água fria e salgada que quase me fez vomitar quando me virei de lado no chão para conseguir expelir tudo aquilo que estava dentro desse órgão.

Fiquei uns minutos assim tentando me recuperar dessa quase morte quando meus olhos enfim decidiram se dar ao trabalho de focar as coisas ao meu redor. Antes eu só via branco, mas agora que enfim consegui minha visão de volta, deparei-me com grande e gigantesco amontoado de água que era chamado de mar.

O que infernos eu estava fazendo ali? Foi o que eu pensei, na verdade o que eu mais quis saber foi como eu tinha ido parar naquele lugar, jogada naquela praia desértica de final de dia e acima de tudo, o que acabara de notar não saber, quem sou eu?

Sim, quem sou eu? Céus eu não tenho a menor ideia de como responder a essa pergunta e nenhuma daquelas que vieram a seguir, não sei minha idade, não sei como meu rosto é e tão pouco se eu sequer estou viva.

Minha memória não estava mais comigo.

Aquilo era um sonho? Por que essa praia ao meu redor definitivamente é linda o suficiente para ser fruto da minha imaginação, mas isso eu duvidei porque aqui dentro não tinha nada para me ajudar a pensar naquele lugar em toda a sua magnitude.

Eu nunca seria capaz de pensar em algo tão bonito assim, então a teoria de que eu estou morta e que aquilo ali era um sonho definitivamente cairá por terra.

Na verdade, agora que parara para pensar, eu estava caída na terra a pouco mais de cinco minutos e sequer me dei ao trabalho de levantar, ora, eu não estou tão ruim ao ponto de sequer pensar nessa questão estou? Na verdade, estou sim, só que o problema

não é eu estar confusa o suficiente para fazer aquilo e sim porque eu estou é bastante fraca.

Por Deus o que eu fiz para precisar me arrastar até uma pedra para enfim conseguir me levantar? O que eu estava fazendo de tão importante que acabei em uma praia aleatória no meio do nada, absolutamente encharcada e sem um pingo de memória ou força?

Isso não está nem um pouco certo e eu teria de dar um jeito nisso, mas, na verdade não era tão fácil assim, primeiro de tudo eu precisaria de uma lista de prioridades.

Primeiramente eu preciso conseguir me manter em pé, ou seja, preciso dar um jeito de me alimentar, secundamente, eu preciso me vestir e então, somente após isso poderia tentar resolver as outras questões.

Sim, era o que deu para fazer e seria feito se dependesse de mim.

Portanto, cansada de escorar naquela pedra, dei um impulso para ficar de pé e pela graça do divino ou só da gravidade ao meu favor, consegui ficar de pé sem me estropiar no chão, mesmo que agora eu tivesse que balançar a cabeça por causa de uma tontura repentina.

Na verdade, não pareceu muito uma tontura e sim uma dor de cabeça bem forte, forte o suficiente para eu ranger os dentes e segurar o crânio para tentar, sem sucesso, fazer aquela dor parar.

Ela parecia revirar o meu cérebro atrás de áreas boas para destruir e se não fosse o fato de eu ter imaginado que aquele tipo de coisa era normal já que eu, provavelmente bati a cabeça, teria tentando me dar um soco para fazer parar.

Mas aquilo pareceu ser normal então, sem muita opção, eu respirei fundo, apertei os olhos e tentei imaginar quanto tempo levaria para aquela coisa parar de doer.

Que ótimo! Era só o que me faltava, quase me afoguei, perdi completamente minhas memórias e agora eu posso ter lesionado a cabeça, esse dia só poderia ficar pior se por um acaso chovesse.

E foi o que aconteceu, meio segundo depois a chuva caiu, me deixando mais molhada do que eu estava.

- Você só pode estar de brincadeira! - gritei aos céus achando que teria alguma resposta e tudo que veio foi um raio cortando o mesmo.

Maravilha, agora eu conversava com as nuvens, só podia ter ficado louca.

Bufando de frustração me arrastei até a primeira coisa que parecia meramente com um abrigo e acabei parando embaixo de um grande amontoado de árvores tropicais que margeavam a praia.

Por favor que eu não esteja em uma ilha deserta sem uma alma viva pra me ajudar.

E por sorte, pela primeira vez naquele maldito dia, o destino sorria para mim e eu consegui achar um pequeno vilarejo ladeado com aquela floresta que com certeza seria minha salvação.

Agora ao menos poderia cuidar do meu primeiro tópico da lista que era comer e ver se eu conseguia concluir o resto dela, se por um acaso eu estivesse em um barco que sofrera um naufrágio, talvez pudesse descobrir ali.

Com isso em mente caminhei até o vilarejo pelas ruas feitas de pedra e barro que àquela altura de chuva já tinha virado lama e tentei me direcionar depois de tudo.

As casinhas eram estranhas, cada uma delas era feita de pedra e madeira de um jeito bem rústico quase como se fossem antigas e as pessoas que corriam da chuva davam aquela mesma sensação.

Quer dizer, não só a sensação, mas também a aparência, aquelas que corriam em busca de abrigo vestiam roupas pesadas e cheias de panos como vestidos enormes, casacos com calças e botas de trabalho, coisa que, olhando para a minha atual vestimenta, era algo completamente diferente.

O motivo era que, agora que tinha parado para olhar, eu vestia uma espécie de calça preta meio surrada com rasgos no joelho, algo que parecia um sapato vermelho com cadarços e uma blusa preta de mangas compridas.

Eu parecia estar completamente normal, ao menos imaginava que sim já que eu não sabia de droga alguma sobre a atual moda, mas as pessoas do vilarejo que me olhavam e depois engasgavam de consternação fizeram eu pensar que talvez, só talvez, eu estivesse um pouco vulgar.

Ora, será que estava mesmo? Eu não mostrava nada de mais porém os outros olhavam para mim como se eu estivesse nua e aquilo me incomodou, mas não o suficiente para me desviar do meu caminho.

Estava encharcada, sem memórias, toda cheia de areia e com aquela maldita dor de cabeça que parecia fazer uma espécie de vai e vem martelando meu crânio e praticamente implorando por algo que pudesse acalmá-la.

Tá aí mais uma coisa da minha lista e provavelmente vai ter que ser escalada para o primeiro tópico, um remédio, preciso urgentemente de um remédio.

Mas principalmente de dinheiro já que não conseguiria ter nada do que eu precisasse sem ele.

Portanto eu continuei andando pelas ruelas e becos daquele vilarejo imaginando a onde eu podia conseguir um pequeno trabalho que me desse ao menos algumas moedas, isso até parar na frente da porta de uma taverna.

"Olho de gigante" é o nome do lugar e pensei que pudesse ser um bom começo e que talvez eles precisassem de uma garçonete ou algo do tipo, porém, antes de cruzar a porta lembrei das roupas que vestia. Droga eu não podia continuar andando por aquele lugar e tão pouco ia conseguir algum trabalho se continuasse parecendo uma "meretriz" então olhei para os lados e vi um pedaço de pano preto pendurado em um varal qualquer e apesar de jurar a mim

mesma que ia dar um jeito de devolver depois, sarrupiei o pano e o vesti.

Ficou parecendo uma capa bem feinha, mas era melhor do que nada e após isso eu finalmente entrei no estabelecimento.

Tentei ao máximo não chamar a atenção, tanto que cobri o máximo de pele possível assim como a cabeça e depois caminhei, ainda encharcada, até o balcão.

- é, olá. - Eu tentei cumprimentar o taberneiro torcendo para que ele falasse a mesma língua que eu e por sorte, após me medir de cima a baixo umas três vezes, respondeu.

- o que vai querer? - o homem que parecia feder a algo estragado respondeu enquanto limpava um copo.

Na verdade, tudo naquele lugar fedia a suor de homem e cerveja de uma forma quase insuportável, mas tentei relevar já que tinha coisas mais importantes a tratar ali.

- um emprego, se possível.

Tentei soar o mais normal possível, mas tudo que recebi foi um riso de escárnio do homem, ora, mulheres também trabalham, não é?

- Eu não dou emprego a mulheres gracinha, se você quer dinheiro existe outra coisa a se fazer. - Ele me lançou uma piscadinha que eu sabia muito bem o que significava.

Por acaso eu tinha cara de prostituta? Eu podia ter dado um soco naquele cidadão por falar daquele jeito mas duvido que teria qualquer serventia já que eu ainda precisaria de dinheiro então, contra meu gene que eu já percebi ser bem forte, engoli seco e tentei sorrir.

- Não tem outra coisa que eu possa fazer para ter dinheiro? Só preciso de algumas moedas, nada mais.

O homem pareceu ponderar e depois de dar uma cuspidinha no chão, coisa que me deu um certo nojo, o mesmo me fitou e apontou para as mesas logo atrás.

- Você parece ser inteligente então por que não tenta jogar com eles, quem sabe não ganha? - as mesas atrás estavam repletas de homens grandes e barulhentos gritando coisas como "truco" e outras coisas mais enquanto arremessavam cartas pelas várias mesas.

Ah entendi, mesas de jogos. Já um começo e talvez, se eu tivesse sorte poderia ganhar muito mais do que algumas moedas.

Com isso em mente eu agradei ao taberneiro nojento e segui até o final do bar onde me sentei em um canto vazio e fiquei olhando os homens jogarem.

Eu não podia simplesmente entrar em um dos jogos dessas mesas e jogar com eles sem saber nem como se pegava em uma carta, eu nem sei quem sou quanto mais como se joga aquilo e portanto, tentei ficar a observar antes de mais nada.

Umás três horas se passaram comigo olhando cada jogo de cada mesa daquele lugar fedido e depois disso, por alguma razão, eu consegui entender absolutamente tudo, não era tão difícil, os jogos podiam até parecer que eram jogados com a ajuda do acaso mas não, cada um deles tinha um padrão que se prestasse a atenção fielmente, notaria.

Até mesmo o jogo que te permitia blefar pode ser decifrado se olhar, não para as cartas, mas sim para o jogador.

Está tudo ali, o jeito se agir, o jeito que o coração pareceu bater mais rápido quando se mente e o cheiro que exala.

Céus eu não entendi muito bem porque mas eu escutei e senti cada uma daquelas coisas, como infernos eu consegui ouvir o coração de um jogador batendo a 2 metros de mim com a maior clareza do

mundo, talvez nunca descobrisse o porquê mas soube ali que poderia e pela primeira vez na noite, eu sorri.

É isso, eu desse corpo atual e sem memória, você parece ser boa em observar e deduzir e eu espero bastante que isso sirva de algo.

Com isso em mente eu respirei fundo, tentei recapitular tudo que eu tinha aprendido escondida nas sombras daquele lugar e assim que vi uma nova rodada do que eu descobri ser um tal de "poker" ser aberta em uma mesa mais a frente, tratei logo de me sentar e tirar o capuz, recebendo olhos bem arregalados em minha direção.

- A cozinha fica para aquele lado querida. - Um dos homens, o tal do crupier apontou para a porta no final do salão esperando que eu tratasse logo de sair daquela cadeira e deixasse o jogo de "homens" correr em paz.

Até parece.

Olhei para ele o examinando de cima a baixo e fiz a cara mais inocente do mundo.

- Vocês jogam de um jeito tão patético que achei que até mesmo uma cozinheira poderia se juntar a isso. - Eu apontei para os outros

jogadores que já tinham jogado antes e continuei a fazer uma cara plácida, como se não tivesse os insultado.

Talvez eu tivesse soado arrogante, mas eu não ia deixar, de novo, me menosprezarem pelo fato de eu ser mulher. Que eu saiba, e olha que não sei muito, o cérebro não fica na cabeça do pau.

Porém algo dentro de mim disse que talvez eu pudesse ter ido longe demais e que precisaria me preparar se caso tentassem me atacar, mas tudo que recebi foi uma gargalhada do homem à minha frente.

- Dê as cartas a menina, vamos ver se sua sorte é tão afiada quanto sua língua. - ele apontou para mim e depois de receber um revirar de olhos do cru píer, me jogou as cartas. Porém antes...

- Façam seus lances. - O cru píer falou e foi aí que eu quis me estapear.

É claro, aquele maldito jogo só era jogado com dinheiro de apostas e se eu quisesse tê-lo para mim, também precisaria fazer um lance.

Mas eu não tenho dinheiro para sequer comer, quem dirá para jogar ali e isso me fez suar frio.

Um plano eu sem memória! Você precisar de um plano! Disse a mim mesma enquanto usava tudo da minha cabeça recém esvaziada para ver se eu conseguia algo de útil e graças a essa total falta de lembranças e a trégua que a dor no crânio me deu por uns minutos, consegui pensar.

Havia algo no meu pescoço, algo que eu descobri estar lá a uma hora depois de ter batido acidentalmente minha mão nele no meio de uma observação de jogo.

Aquilo era a única coisa que parecia ao menos substancial e, mesmo estranhamente relutante, mostrei aos outros.

- Aposto isso. - Puxei a capa para o lado e mostrei a todos um colar de prata puro adornado com um pingente vermelho sangue, coisa que, assim que avistado, fez os homens praticamente babarem.

Aquele colar era caro, eu tinha absoluta certeza disso por que ele era pesado, gelado e sem dúvidas tinha uma pedra preciosa que parecia ser mais velha que a própria terra e, portanto, digno de ser negociado.

Eu poderia ter saído daquele lugar e ido vender aquele colar assim que eu o notei, mas algo dentro de mim me fez sentar ali e

continuar com ele até que seu descarte fosse absolutamente necessário e isso pareceu ser exatamente naquele momento.

- Tem certeza menina? Essa coisa parece bem cara. - O mesmo homem de antes respondeu piscando os olhos brilhantes que não saiam do meu colar.

Por que ele ficava me chamando de menina? Eu lá tinha cara de criança? Bom, eu poderia já que até agora sequer tinha visto algo de mim que não fosse meu cabelo preto estranhamente grande que grudava no meu pescoço molhado.

Talvez eu fosse sim, mas isso era papo para outra hora, nessa eu precisava apostar aquele colar e rezar aos deuses que ganhasse com ele.

- Se é caro então por que se preocupar? É só mais um bônus. - Eu dei de ombros tentando parecer desinteressada mas por dentro estava suando, era minha única chance de conseguir sobreviver nessa joça de mundo afinal.

- Muito bem, que os jogos comecem então. - Um outro homem, sentado a minha esquerda falou e com isso engoli seco e comerei.

O jogo foi acirrado, a cada carta dada e a cada blefe dos participantes eu fiquei mais aflita só implorando para que os meus conhecimentos recém adquiridos fossem o suficiente para ganhar e por sorte, depois de uma rodada quase eterna, foram.

- Full house. - Anunciei jogando as cartas na mesa e tudo que recebi foram olhos arregalados, cadeiras sendo arrastadas para trás com o levantamento brusco dos outros e um tapa bem forte na mesa.

- Nem fodendo, você roubou sua cadela maldita! - o dito homem do "menina" gritou com o rosto vermelho de frustração enquanto olhava para mim com fúria.

Céus ele parecia querer me assassinar e os outros estavam praticamente no mesmo barco, aquilo daria merda se eu não desse um jeito e antes que eu sequer pudesse pensar, deu.

Tudo que eu vi foi o homem da frente praticamente pular para cima de mim e um segundo depois, ele estava preso contra a mesa de jogo, sendo imprensado de costas para mim com minhas mãos, eu repito, MINHAS mãos, o prendendo.

Eu não sei como aquilo aconteceu, eu sequer tive tempo de pensar, mas quando vi a ameaça pra cima de mim minha consciência

simplesmente desligou e eu o imobilizei como alguém realmente treinado para aquilo.

E foi aí que caiu a ficha, talvez eu fosse mesmo, a minha cabeça não lembrava mas meu corpo sim, ele se lembrava e lembrava bem até de mais, eu percebi pelo gemido de dor que o homem dava enquanto implorava para que eu o soltasse.

Porém, eu não estava muito afim de ser cortês, tentei ser assim nas últimas horas e tudo que recebi foi insultos e portanto, usando uma voz que eu nem sabia que podia fazer, abaixei até o ouvido do homem e sussurrei.

- Me dê o dinheiro ou eu quebro o seu braço. - Aquela voz cortante não parecia ser minha, aquele formigamento de poder que se acumulava dentro de mim não parecia ser meu mas era bom e para a minha surpresa, queria fazer de novo.

Depois dos homens praticamente jogarem suas bolsas de dinheiro para mim e receber um "fora daqui sua garota louca" do taberneiro nojento, eu peguei aquilo tudo e sai o mais calmante possível, isso até eu parar em um beco e desabar no chão totalmente trêmula.

O que infernos eu era? Como eu tinha tido aquela capacidade de imobilização rápida e por que eu me sentia tão bem?

Não importava, eu não podia parecer se fraca naquele mundo, eu estava totalmente sozinha e se eu quisesse continuar viva, teria que fazer aquilo de novo, se necessário.

Com isso ele me forcei a levantar, engolir seco e parti para a primeira herbalista que eu encontrasse, conseguindo um bálsamo para as dores de cabeça só para correr até uma loja de roupas.

Lá eu comprei uma camisa branca de manga comprida que parecia bem masculina, botas pretas que iam até o joelho, uma capa realmente descente e, por falta de existir calças para mulheres, optei por usar as minhas mesmas.

Ao final paguei tudo e praticamente me arrastei para a estalagem do fim da rua, já era quase madrugada e apesar de eu ainda precisar comer, meu corpo clamava por descanso então, depois de conseguir um quarto, apaguei na cama.

Acordei no dia seguinte bem melhor do que no dia anterior, aquele remédio fez maravilhas e eu poderia enfim dar um jeito na minha vida sem essa coisa imprensando meu cérebro.

Eu tratei logo de me levantar para me vestir, porém o que eu percebi, ainda nua e olhando para o espelho pela primeira vez na "vida" era que, nada de comum vinha de mim.

E isso não se dava só ao fato de eu ter o cabelo preto que media até o meio das coxas já notados por mim no dia anterior e nem por eu ser absurdamente alta, provavelmente medindo em torno de 1,80. Não, a dupla de coisas mais diferente em mim era que, primeiro, eu tinha olhos de cores diferentes.

Sim, cores diferentes, o olho direito, eu notei ao chegar mais perto do espelho, era de um vermelho vivo quase magnético e o outro era de um verde bem claro e bonito mas isso não era tão especial, principalmente pelo fato de ali ter uma cicatriz bem feia que o cortava de fora a fora sendo a razão de eu notar que eu cega daquele olho.

O que me leva ao segundo tópico, além daquela cicatriz no rosto eu tinha outros milhares espalhadas pelo corpo e em cima do que parecia muitas delas, tatuagens. Muitas, muitas tatuagens.

Era cada um em lugar diferente e que pareciam ter sua própria história acima das marcas horríveis espalhadas por mim.

Tentei não pensar muito nelas se não iria surtar de horror, quem ou o que fora capaz de fazer uma coisa dessas a mim não merecia meu reconhecimento e por isso tentei me focar nos desenhos acima delas pois, ao contrário dessas marcas de dor, eu podia tirar alguma informação realmente útil delas.

Pessoas fazem tatuagens para eternizar coisas e/ou ações e é por isso que eu iria me focar nelas.

Parei para prestar a atenção e a primeira que eu vi foram as tatuagens dos braços, no lado esquerdo superior tinha uma frase em outra língua que com certeza não era a que eu usava agora mas que independente disso ainda era entendida por mim.

Essa frase dizia "você não sabe a força que tem até que sua única alternativa seja tornar-se forte" e eu tinha que admitir que a minha antiga eu, aquela com as memórias, era uma garota bem filosófica e talvez um pouco depressiva.

De qualquer forma passei para a próxima tatuagem, essa agora estava no antebraço direito gravada de lado e novamente estava em uma outra língua diferente, uma agora que não tinha sequer uma letra e sim símbolos, e como na anterior consegui ler. Ela tinha um nome, Amanda.

Meus olhos piscaram repetidas vezes com aquele nome, céus será que aquele era meu nome? Não provavelmente não, seria improvável que eu seria narcisista o suficiente para tatuar meu próprio nome, mas talvez fosse de alguém importante pra mim.

Como eu não podia comprovar isso decidi passar para próxima parte que era as mãos, cada um dos dedos tirando o dedão tinha uma letra diferente estampado nas falanges e esse conjunto de letras formavam as palavras dead e life, aquilo me pegou de surpresa porque em todas as horas que eu estava acordada só fui notar aquilo naquele momento. parece que eu podia ser muito desligada quando eu queria.

Virando de costas avisei a gigantesca tatuagem nas minhas costas que a cobriam quase de fora a fora com duas garotas praticamente iguais com os cabelos entrelaçados e usando uma máscara cada uma, as "irmãs" tinham os sorrisos diferentes no entanto, uma dela sorria de um jeito gentil e a outra possuía um totalmente diabólico.

eu tive que engolir seco nessa tatuagem porque parecia uma das mais importantes e fiquei a pensar se essas gêmeas por um acaso era eu e minha irmã ou se era somente uma metáfora, como eu não tinha a possibilidade de saber no momento, optei em passar para a próxima.

virei-me de frente outra vez e desci meu olhar até minha coxa direita avistando a segunda maior tatuagem do meu corpo e talvez a mais bonita, a mesma consistia no que parecia ser um planeta ao redor de muitas estrelas e ao lado delas tinha uma constelação de um homenzinho puxando algo como um arco, aquela era uma

bonita constelação mas ao lado dela, bem perto do pé do homenzinho tinha uma estrela marcada e por sua vez o nome dela também.

Rigel.

Esse era o nome da estrela, mas pela primeira vez senti que podia ser muito mais do que isso, podia significar algo bem maior do que somente um nome do pé de uma constelação. Olhando para o nome daquela estrelinha eu conclui algo que provavelmente me seguiria pelo resto da vida.

Seria meu nome.

- Meu nome é Rigel. - disse a mim mesma com um sorriso luminoso no rosto e ele só aumentou ainda mais quando li a frase que acompanhava ela.

"o coração do caçador sabe o caminho de casa". Então você é o único, pensei.

Era irônico como até a tatuagem na minha perna sabia mais de mim do que eu mesma, como meu corpo inteiro fazia tal coisa melhor do que eu e foi com esse pensamento bobo e infeliz que

vesti as roupas que comprara na noite anterior e tratara de arrumar algo para comer.

Desci até a salão da hospedaria e pedi uma sopa de tomate, porém assim que coloquei a colher na boca não consegui manter o conteúdo lá e o cuspi quase que imediatamente. Céus aquela comida era horrível e eu não sabia se era por causa do gosto normal daquele prato ou se era por que estava estragado, mas, definitivamente o gosto era como se tivesse. Só o cheiro daquela coisa embrulhou meu estômago e eu tive que praticamente correr até o lavabo para lavar a boca.

Depois disso fiquei no banheiro a fazer cara de nojo até ser esbofeteada por um cheiro que com certeza aturdiu meus sentidos. Era a coisa mais maravilhosa que eu já tinha sentido e minhas papilas gustativas salivaram pelo aroma que vinha do outro lado da janela.

Eu não podia ficar ali assim, eu precisava daquele cheiro.

Como eu ainda estava morrendo de fome, sai da hospedaria o mais rápido possível - depois de pagar é claro - e corri em direção a aquele cheiro dos deuses.

Cada beco que eu cruzava era um passo mais perto daquele cheio de comida caseira que me matava lentamente, eu mal podia esperar para encontra-lo até, chegando lá, vomitei a bile.

Eu estava no meio de um beco do lado mais porco do vilarejo e o que eu via jogado naquele chão não era um prato de comida caseira, a não, que os deuses me ajudassem se fosse, aquilo chafurdado no meio da lama era uma garota morta.

Um cadáver sem cabeça de uma moça que um dia podia ser chamada de bela, mas que agora não era nada além de um amontoado de carne morta e fresca.

Sim fresca, aquela garota ensanguentada tinha acabado de morrer e eu não sabia como infernos sabia disso, mas sabia que, após vomitar tudo que eu não tinha no estômago, eu queria algo nele.

Eu a queria.

Minhas mãos estavam tremendo quando abaixei até a garota e senti o cheiro de sangue pútrido dela, eu queria aquele sangue mais do que queria minha própria vida e só esse pensamento poderia ser capaz de me chocar pelo resto da minha existência se eu não estivesse tão profundamente desesperada para levar meus dedos até o pescoço dilacerado dela e lamber.

E quando eu o fiz, já em um estado que mal me reconhecia, senti a coisa descer por minha garganta e me encher de um êxtase tão pecaminoso e horrendo que eu até poderia me sentir um monstro se a sensação não fosse tão absurdamente magnífica.

Porém ela durou pouco por que, assim que a absorvi, apareceu um flashback tão rápido e tão vívido em minha mente que tive de sentar.

Eu via as coisas mas não era eu, eu era garota morta entrando em um beco atrás de um estranho bonitão que a chamou, eu era a garota presa nos braços dele recusando ser beijada e eu era a garota que tentou fugir e teve a cabeça arrancada por isso.

E então, a luz apagou e tornou a voltar.

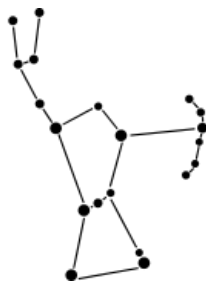
Agora sim aquilo pertencia a mim mesma, agora sim minha visão era minha contudo o que eu vira jamais seria igual, eu vi as memórias da garota antes de morrer e eu senti o pânico que saiu dela no meio daquilo tudo.

Senti tudo que ela sentiu, eu vi tudo que ela viu antes de morrer e por Deus não entendia por que, mas o medo do cadáver se tornou tão vívido em mim, mas eu tive de metamorfoseá-lo e transformá-lo em ódio.

Aquele cara estava vivo, eu senti o cheiro dele no corpo morto da garota, senti o cheiro do esperma dele em suas roupas e eu sabia aonde ele estava e eu não podia saber de inferno nenhum da minha vida ou da minha existência, mas de uma coisa eu sabia. Ele iria pagar por ter feito aquilo com ela.

Aquela não era eu, ou talvez, depois de saber tanto e nada ao mesmo tempo, não fosse essa a verdadeira?

"Cedo demais, fraca de mais, esperançosa demais, você não é o que acha que é, você não é o que finge ser e quando menos esperar, irá cair só para se levantar novamente".



CAPÍTULO 01

Rigel

"Monstro! Você é um monstro!

– Não! eu não... Eu não quis...

Disse que nos ajudaria, mas tudo que fez foi mata-los!

– Foi sem querer... Eu não tive a intenção...

Espero que apodreça na cadeia e que não existia um dia em sua vida que não se lembre das barbaridades que causou.

– Eu irei lembrar, eu sempre irei...."

CAVERNA DO AFOGADO

MIDRIA

4 anos depois

O barulho de algo metálico arrastando pelo chão me acordou e a primeira coisa que fiz foi remexer-me de volta, somente para voltar

a ouvir o barulho e ter a ciência de que o que eu fiz não foi só um sonho.

E não foi, as consequências dos meus atos estavam presos em meus membros somente para me impedir de caminhar, de viver, de sonhar. Na verdade, parando para pensar, eu não mereço nada disso, sonhar não é algo que eu faço muito nesse lugar e eu acredito que isso é a melhor coisa que meu corpo pudesse me dar.

Monstros não sonham.

Tem exatamente 24 meses, 104 semanas e 732 dias em que eu estou nesse lugar gelado e a cada risquinho que eu marco na parede é menos um dia que me sinto melhor por não estar lá fora.

A onde eu estou? Como eu fui parar ali? Ao contrário da vez anterior onde acordei naquela praia sem saber de nada, dessa vez eu tinha total ciência do que essas paredes de pedra gelada no fundo de uma caverna gigantesca significam para mim e o porquê de eu estar ali e merecer tudo isso.

Estou presa a dois anos por crimes que nem sabia poder cometer, mas que agora me corroem e não me deixam dormir com a tão famigerada culpa. Talvez dormir em um chão sem ao menos um pano também acarrete a esse tipo de consequência, mas duvido

que é pior do que me lembrar dos gritos, ossos quebrando e a agonia de todo mundo que eu matei.

Essa caverna tem um eco desgraçado e toda vez que me levando não sei se as correntes presas aos meus pés fazem o eco acordar ou se é minha cabeça me martirizando com os gritos. Depois de tanto tempo parei de me importar em ouvi-los ou não, parei de me importar se eu via ou não a luz do sol e parei de me importar em tentar viver.

Viver é uma espécie de piedade e ao meu ver não mereço tal coisa.

De qualquer forma estava na hora de eu me levantar, não que eu tivesse algo de mais interessante para fazer do que só ficar olhando para essa caverna mas hoje era dia de contar as gotas que caíam lá no fundo e não poderia perder tal coisa.

Tá legal, eu fiquei louca, sim isso é óbvio, mas se tornou algo corriqueiro para mim agora. Sempre me levanto de manhã - ou o que eu acho que seja de manhã - arrasto-me até o fundo da caverna, bebo um pouco da água do lago retido ali e fico a imaginar se hoje às correntes estarão mais compridas ao ponto de eu conseguir me banhar - coisa que já não acontece oficialmente a muito tempo - ou se o lago vai subir por causa do nível do mar e enfim me afogar.

Hoje não parece ser um desses dias e por isso caminho até lá, sento-me em sua beirada e fico a ouvir seu adorável e quase silencioso som.

Me pergunto como minha vida pôde mudar tão rápido, dois anos atrás eu tinha conseguido encontrar minha vocação em meio ao vazio da minha cabeça e agora estou aqui, cercada pelo vazio externo do mundo.

Antes eu caçava assassinos, estupradores ou qualquer um que fosse contra as leis desse mundo, mas agora eu tinha me tornado o pior deles. Para alguém tão obstinada em fazer justiça, deveria rever melhor meus conceitos.

O que eu fiz em todos esses anos depois de acordar? Eu casei as pessoas que tinham a mesma índole do indivíduo nojento e ordinário que matou e depois estuprou um cadáver de garota, eu não parava até sentir o pescoço deles em minhas mãos ou até vê-los acorrentados feito cachorros em celas minúsculas no final do mundo, mas o engraçado é que agora eu era pior do que eles, o quão hipócrita eu posso ser?

Antes eu matava as pessoas que mereciam morrer, as procurava até os confins do inferno para que elas tivessem a justiça que mereciam e é exatamente por isso que agora, vivendo feito um animal

enjaulado, eu não tenho a esperança idiota de que mereço sair e viver em paz por que se eu por um acaso fosse, teria de tentar me redimir.

Esse foi um passo bem útil tenho de admitir, aceitar o que eu fiz e viver com isso, mas confesso que a dor que sinto tanto internamente quanto externa, podia ser um pouco menos... massacrante.

Talvez seja o ar desse lugar, eu pouco sabia, existir embaixo da terra tinha suas desvantagens, mas não era tão quente então dava para viver.

Viver? Engraçado, acho que está mais para agonizar até a morte.

Isso poderia acontecer, já pensei nisso em uma noite que estava particularmente chateada, eu poderia pegar as correntes que dependuram de minhas mãos e as fechar em meu pescoço mas então seria fácil demais, simples demais, não seria justo com aqueles inocentes que não tiveram a escolha de continuarem vivos como eu tenho agora e por isso, apesar de chorar praticamente todas as noites, continuo viva.

Meus pensamentos sempre estão comigo, no entanto, minha cabeça sobrepõe à falta de conversa humana e talvez seja por

causa disso, por ser fantasiosa e observadora demais, que eu decaio com tanta facilidade.

Eu sinto tudo tão intensamente, sinto tudo tão absurdamente que às vezes imagino que essa é minha punição final, saber o que acontece lá fora, ouvir o que acontece em cada canto dessa caverna, debaixo do lago, atrás dessa montanha e simplesmente não fazer nada, simplesmente não poder fazer.

Isso foi algo que eu descobri em minhas viagens, minha audição era um fardo gigantesco por ser tão boa, meu olfato também não perdia para ela e isso era o que mais doía.

Eu sentia o cheiro das árvores lá fora, o cheiro do vento, sentia o cheiro da chuva quando ela caía e acima de tudo sentia o cheiro da maresia de uma forma tão pungente que sempre me fazia chorar. Eu estava ciente que era culpa minha não poder estar lá fora, mas mesmo assim doía saber da existência e não poder ver com meus próprios olhos.

Quer dizer, olho, a visão era uma das coisas que não era tão boa, o único olho que eu tinha funcionando se adaptava melhor ao escuro do que ao claro e isso, ao menos aqui dentro, era bastante vantajoso.

Fora isso meu corpo já não era mais o mesmo, não poder caminhar todos os dias cobra seu preço e acima de tudo, as cicatrizes que eu tinha antes estão ainda maiores.

Mais uma de minha punição no dia que matei tantas pessoas naquela ilha foi que passei três dias pendurada em um poste com a parte de cima completamente nua enquanto sentia as moscas e o sal chicotearem por cima da carne recém aberta de minhas costas.

Eu fora chicoteada 207 vezes por meus crimes e os aceitei sem soltar uma lágrima, eu não poderia chorar ou pedir piedade por que não os tive ao massacrar aquela terra. Aquela linda ilha que eu fui só para fazer uma missão e acabei por afundá-la.

Sim, eu a afundei, afundei com um poder que eu nem sabia que tinha e que vinha me enlouquecendo a cada santo dia depois que eu acordei.

Aquela dor de cabeça no início da minha história lembrável não era o que de fato parecia ser, ela era o resultado de anos e anos de negligência com minha força interior e quando acordei naquela praia a mesma fizera questão de me lembrar que estava ali e que iria sair.

E saiu do pior jeito possível por que, sem sequer saber que podia fazer aquilo, sem sequer ter ciência de meus atos, minha cabeça me fizera surtar e arrancar do mar milhares de quilos de pedra que caíram sobre a cidade ilhana e massacrar, esmagar e afogar 10 mil pessoas viventes nela.

Só de imaginar o que eu fizera já foi capaz de me dar calafrios e eu não sei quantas vezes pedi aos céus para poder esquecer tudo aquilo, ele já tirou minha memória uma vez, por que não fazer de novo?

Mas não iria fazer, era obrigação minha lembrar daquelas coisas e como uma boa garota obediente, eu o fazia, todo maldito segundo enquanto estava ali.

Meu corpo se lembrava também, mesmo que parcialmente, descobri que tinha a capacidade de me regenerar se fosse fortemente ferida mas isso só acontecia no lado direito do corpo, o outro era marcado e assim ficaria até o resto dos meus dias, o que eu não entendo foi como minhas costas não fizeram o mesmo, talvez tivesse sido o sal que retarda a regeneração até que cicatrize de um jeito desfigurado e doloroso mas no fundo acredito que foram os deuses que fizeram isso para que meu corpo lembrasse mesmo que eu esquecesse depois.

Eu iria lembrar, eu sempre iria lembrar.

A fome também iria, isso era fato, as pessoas precisam se alimentar e eu não sou diferente delas mesmo que, no quesito tipo de alimento eu fosse diferente. Naquele dia da menina morta eu entendi que estava enlouquecida de prazer em lambar o sangue dela ao contrário da sopa de tomate que eu tão fortemente expeli, eu só não sabia que isso seria quase que minha ruína.

Eu não me alimento de meios normais, de comida humanoide e comum, elas me fazem enjoar e vomitar só de sentir o cheiro assim como também não posso beber nada a não ser água, café e álcool puro totalmente destilado. A única coisa que eu posso comer verdadeiramente é carne.

Carne humana.

Sim, além de tudo que eu fiz meu corpo não aceita nada que não seja tirado de um cadáver moribundo e pútrido, o cheiro e o gosto para outros podem ser a pior morte mas assim como um belo e horrendo corvo, eu sinto um prazer insaciável com eles e talvez, acima de qualquer outra coisa, isso fosse a pior coisa que descobri sobre mim.

Os homens que trazem comida para mim de mês em mês - sim, descobri que só preciso me alimentar uma vez por mês - não o fazem com tanta maestria pois não me dão a carne e os músculos que eu preciso para me manter meramente saudável, eles me alimentam com sangue animal e a cada vez que eu bebo isso me sinto mais fraca.

Meu corpo não reage ao sangue animal, ele não serve para mim e é por isso que eu, no auge dos 1,80 cm peso menos que 60 quilos.

Eu definho mais a cada dia e acredito que logo não restará mais nada em mim para viver, meu tempo de penitência logo chegará ao fim e eu irei para a morte com todo o prazer.

Foi o que eu imaginei.

O mundo não quer que eu morra, alguém nele não quer tal coisa e foi nesse momento, enquanto ouvia um caminhar dentro da minha caverna, que descobri isso.

Não tive coragem de me virar naquele momento, deixei que o homem grande - pelas pisadas fortes no chão - com um cheiro incomum de lírio e mar chegasse até mim e ficasse parado a frente das minhas costas.

Esprei para ver o que ele iria fazer, se iria tentar me atacar como o último fizera ou tentar me bater como o anterior a esse, mas tudo que aquele ali fez foi esperar. Eu escutava sua respiração compassada, seu coração batendo em um ritmo lento e isso me chamou a atenção.

Ele estava calmo, calmo como nunca ouvi ninguém estar e isso me deu coragem de virar-me para vê-lo - ou o tanto que a máscara de ferro que sufocava meu rosto permitia -.

No final eu o olhei de lado, ainda sentada a frente do lago e a primeira coisa que vi - graças ao pequeno buraco no teto onde saía a luz - foi suas botas, elas eram marrons de cano alto e poderiam até ser chamadas de novas se o detalhe da sola desgastada na ponta não entregasse isso.

Depois continuei subindo meu olhar pela calça preta de couro, a capa verde musgo que pendia logo atrás e o machado enganchado também ali por um freixo do cinto marrom. A parte da frente tinha uma espécie de peitoral preto por cima de uma blusa branca e no final, no meio de um monte de pelos brancos que esquentavam o pescoço da capa tinha o rosto do homem mais lindo que eu já vira.

Ou talvez só aquele que vi até o específico momento da minha lembrava vida.

Ele possuía um cabelo espetacular do mais fino branco que descia elegantemente até o começo do peito, suas orelhas eram pontudas como um elfo, além de uma delas rodear um corte raspado do lado direito da cabeça, o que deu ao homem um ar bem perigoso.

Porém o que me fez descompassar a respiração foram os olhos do mais perfeito verde, devia ser um insulto alguém no mundo ter aquele tipo de olho mas, infelizmente para mim, a expressão em seu rosto era a mesma de todos os outros que já cruzaram meu caminho depois do massacre.

Indiferença e talvez um pouco de asco.

Não o culpo. Pensei virando meu rosto novamente para o lago à espera da condenação nova que aquele belo homem teria para me dar, se meu tempo chegou ao fim então ao menos morrerei vendo algo belo, como um anjo talvez.

Porém me enganei, foi somente depois que fechei meus olhos a espera do meu fim, que escutei sua grossa e calma voz.

– Você é Rigel, caçadora dos dez reinos? – aquilo fez com que meus olhos se abrissem de novo, mas não foi o suficiente para eu me virar.

Á quanto tempo não escuto esse nome...

Já fui grandiosa com esse nome, lembro-me até hoje de todo o dinheiro e a fama que ganhei com ele só para manchá-lo com a cor do sangue depois. Patético.

Apesar disso ele ainda pertencia a mim e, juntando as forças que eu guardava a dois anos para pronunciar uma frase a outro indivíduo que não fosse eu mesma, sussurrei:

– Eu já fui.

– Desejo fazer uma negociação com você, sua liberdade em troca de seus talentos como caçadora. Aceita? – o homem voltou a falar agora com um tom sério, porém eu percebi algo a mais embrenhado ali, desespero.

Ele precisava desesperadamente de mim e eu só não sabia o porquê. Por outro lado, sua proposta não parecia vantajosa já que eu não queria sair dali.

– Eu não quero liberdade. – Dessa vez me atrevi a jogar uma pequena pedra no lago vendo se ele iria ou não embora.

Ao que parece não era tão submisso para fazer isso além de que, havia outra coisa em sua voz, surpresa.

– E o que deseja então?

Essa pergunta me pegou desprevenida, o que eu desejo? Alguém alguma vez em minha vida perguntou o que eu queria? E por que eu quero tanto saber qual é minha resposta?

Fiquei uns minutos a pensar nela e enfim concluí que mais nada poderia me ajudar se não fosse isso.

– Redenção. – Foi tudo que respondi e tudo que assentou em meu coração. Sim, redenção, eu fui um monstro, mas eu mal sabia o que queria antes de ouvir a pergunta.

Eu quero viver sem culpa apesar de tudo e mesmo que achasse que não daria certo, eu simplesmente quero.

– Pois bem. – O homem se mexeu um pouco antes de terminar. – Eu preciso de você para achar uma mulher importante para mim, se a encontrar estará ajudando a mim e a ela. Não é uma forma inicial de redenção?

Céus, ele estava certo. Pensei mal reconhecendo meu coração a bater mais forte por tal ideia, se eu queria mudar a linha do meu destino então talvez começar com essa moça poderia ser uma boa iniciativa, estava claro que eu não a caçaria por algum crime pois a voz do homem não era de acusação, ele a queria por causa de sentimentos bons e aquilo era interessante para mim.

Algo inicial para resgatar meu coração.

Virei para ele novamente, dessa vez me levantando com toda a dificuldade que um corpo anoréxico e quase atrofiado permitia só para olhá-lo nos olhos. Ele é alto o suficiente para ser maior do que eu - o que é um tanto difícil - mas isso não me impediu de encará-lo, pigarrear e responder.

– é alguém que ama? – precisava saber.

– Sim. – Ele respondeu me encarando da mesma forma que eu fazia, mesmo com a máscara em meu rosto o homem não parecia se intimidar.

– Então considere feito. – Respondi simplesmente e vi o homem entender a mão grande e pálida para mim.